

EDUCAÇÃO, LUDICIDADE E FORMAÇÃO HUMANA: A EXPERIÊNCIA DO PET PEDAGOGIA UVA NO CRAS IRMÃ OSWALDA

Simone Rodrigues Alves¹; Autaci Ribeiro da Ponte Neta²; Maria Veriany Menezes de Souza³;
Dâmaris Cavalcante de Arruda Mesquita⁴; Luciano Gutemberg Bonfim Chaves

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE)
simoneralvess10@gmail.co

²Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE)
autaciribeiroponete@gmail.com

³Univeraidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral (CE)
menezesveriany03@gmail.com

⁴Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral (CE)
damariscavalcante2@gmail.com

⁵Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral (CE)
lucianogbonfim@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a importância da ludicidade no processo de formação humana e cidadã a partir das ações desenvolvidas pelo Programa de Educação Tutorial (PET) Pedagogia no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Irmã Oswalda, em Sobral-CE. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e descritiva, fundamentada nas experiências vivenciadas com crianças e adolescentes de seis (6) a catorze (14) anos atendidos pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). As ações foram planejadas a partir de observações e desenvolvidas por meio de atividades lúdicas e participativas, como jogos, brincadeiras, rodas de conversa e produções artísticas, abordando temáticas como cidadania, respeito às diferenças, consciência negra e alimentação saudável. Os resultados evidenciam que a ludicidade favorece o fortalecimento de vínculos, a participação ativa e o desenvolvimento social e emocional dos sujeitos, além de contribuir para a formação acadêmica das bolsistas do PET. Conclui-se que o CRAS se configura como um espaço potente de formação humana e cidadã, no qual práticas educativas lúdicas e contextualizadas desempenham papel fundamental na promoção da inclusão, da autonomia e da cidadania.

Palavras-Chave: Educação. Ludicidade. Formação humana. PET. CRAS.

Introdução

A educação ultrapassa os limites da escola e constitui-se como um processo social, histórico e cultural que se consolida ao longo de toda a vida. Nesse sentido, os processos educativos não acontecem exclusivamente no ambiente escolar, mas também em espaços não escolares, nos quais os indivíduos constroem relações, saberes e significados por meio das interações sociais. Além disso, nesses espaços são implementadas intervenções educativas que atuam como fortalecedoras da convivência, especialmente quando se trata de contextos que atendem sujeitos em diferentes situações de vulnerabilidade social.

Dessa forma, esta pesquisa de caráter qualitativo, fundamenta-se em observações e práticas desenvolvidas em um espaço não escolar como o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) Irmã Oswalda, localizado no município de Sobral, integrante da Política Nacional de Assistência Social. Entre os serviços ofertados, encontra-se o SCFV (Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos), no qual são desenvolvidas ações com o objetivo de fortalecer os vínculos familiares e comunitários. Dessa forma, o CRAS configura-se como um ambiente acolhedor que valoriza a construção coletiva e possibilita práticas alinhadas ao desenvolvimento integral dos indivíduos atendidos.

É a partir dessa perspectiva que se insere a atuação do PET (Programa de Educação Tutorial) Pedagogia, vinculado à Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), com a finalidade de desenvolver ações educativas articulando práticas lúdicas, participativas e reflexivas. Tais ações são planejadas e executadas de forma contínua, buscando integrar a educação aos objetivos do SCFV e contribuir efetivamente para a formação humana e cidadã dos sujeitos. A motivação desta pesquisa surge das vivências de momentos riquíssimos no âmbito do PET, nos quais se reconheceu a importância da ludicidade na formação humana, buscando ressignificação, uma vez que, a ludicidade muitas vezes é reduzida ao brincar, utilizando-a como ferramenta educativa e formativa.

Nessa perspectiva, a ludicidade é inserida de forma estratégica, com prática educacional intencional a fim de garantir vivências reais, significativas e capaz de dialogar com a realidade. É por meio das atividades lúdicas que as crianças e adolescentes sintam se acolhidos, reafirmando o pertencimento, a escuta e o respeito, atuando como potencializadora da educação. Logo, a presente pesquisa tem por objetivo refletir como a educação, sob mediação da ludicidade, impulsiona a formação cidadã no cenário das ações desenvolvidas no PET.

Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois busca compreender e relatar as experiências vividas, sem medir resultados, e descritiva, por registrar detalhadamente as ações realizadas. No qual, evidencia como as atividades e o brincar no CRAS contribuem para a formação humana e cidadã das crianças e adolescentes, influenciando sua aprendizagem, socialização e

fortalecimento de vínculos.

Este artigo foi elaborado a partir das experiências desenvolvidas no CRAS, em Sobral, Ceará, com crianças e adolescentes atendidos pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), com idades entre seis e catorze anos. Inicialmente, as bolsistas do PET observaram as atividades realizadas pela orientadora social com esse público, registrando tudo em um diário de bordo. Esses registros incluíram tanto os dias de observação das ações conduzidas pela profissional quanto os dias de desenvolvimento de atividades planejadas e aplicadas por nós, bolsistas do PET Pedagogia. Essas anotações permitiram compreender a dinâmica do CRAS, as necessidades do grupo e refletir sobre o impacto das ações. No primeiro dia, realizou-se uma reunião no CRAS, que serviu para organizar e planejar as atividades futuras, seguida de visita ao espaço. Ao longo de um mês, foram feitas observações detalhadas, permitindo conhecer melhor cada criança e adolescente e compreender suas características, interesses e necessidades. A partir dessas informações, foram elaborados planejamentos semanais das atividades, alinhados às temáticas propostas pela equipe técnica do CRAS, respeitando as particularidades de cada participante. As ações aconteceram às terças-feiras, utilizando estratégias lúdicas e participativas, como desenhos, rodas de conversa e brincadeiras.

Entre as ações desenvolvidas, podemos destacar: “caixa da vida”, “amarelinha da vida”, “colcha de retalhos”, “construção da árvore de papel”, “desenho da vida”, “dinâmica dos balões”, “passa ou repassa da cidadania”, “corrida do saco”, “gincana: jogo da velha gigante”, “piquenique e quiz sobre alimentação saudável”, “produção e reflexão de um texto sobre consciência negra”, “missão do foguete quebrado” e o “repolho das perguntas”.

Resultados e discussões

O papel da ludicidade nas ações educativas do PET no CRAS

A ludicidade tem se configurado como uma dimensão fundamental nas ações educativas desenvolvidas em diferentes contextos sociais, como em espaços não escolares, por exemplo no Centro de Referência e Assistência Social (CRAS). Sendo assim, é crucial ressaltar que o lúdico é mais do que um momento de entretenimento, o brincar assume um papel formativo, contribuindo para o desenvolvimento integral dos sujeitos, ao possibilitar aprendizagens que envolvem aspectos cognitivos, sociais, emocionais e culturais. Nesse sentido, a ludicidade se apresenta como uma estratégia educativa capaz de promover experiências significativas e favorecer a participação das crianças e adolescentes nas atividades propostas. De acordo com Modesto (2014), por meio das atividades lúdicas, é possível promover o desenvolvimento de diferentes competências humanas, como aprender a ser, a conviver, a conhecer e a fazer. O lúdico favorece ainda o companheirismo, a aceitação de perdas, a experimentação de hipóteses e a expressão da criatividade, além de

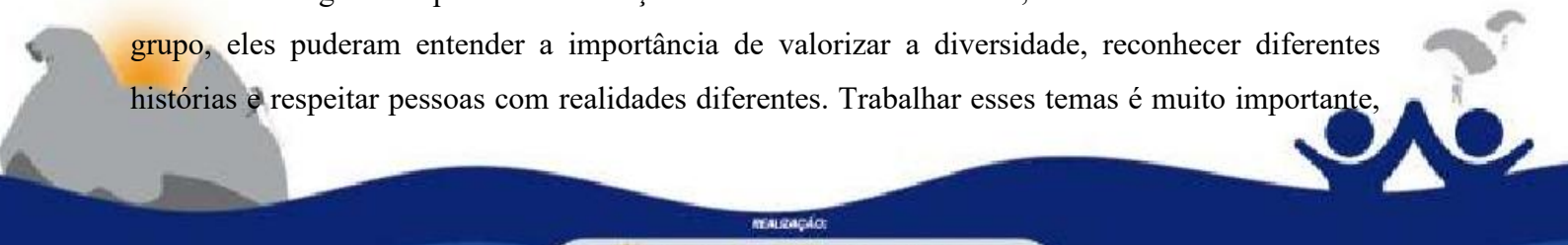
contribuir para o desenvolvimento da concentração, da atenção e da socialização. A partir dessa compreensão, entende-se que a ludicidade amplia as possibilidades do processo educativo ao favorecer relações mais próximas e significativas entre os sujeitos. Por meio do desenvolvimento de atividades lúdicas ocorre um espaço de diálogo, escuta e troca de experiências, nos quais crianças e adolescentes podem se expressar, ser ouvidos e construir seus pensamentos e percepções coletivamente. Dessa forma, a ludicidade contribui para um processo educativo mais humanizado, pautado no respeito, na interação e na valorização das vivências dos participantes.

Diante disso, as ações desenvolvidas pelo Grupo Devir, composto por bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) Pedagogia, que realizaram atividades socioeducativas no CRAS Irmã Oswalda, tiveram como eixo central a ludicidade enquanto estratégia pedagógica e social, compreendida como um meio potente de promover a participação, a expressão, o fortalecimento de vínculos e o desenvolvimento integral das crianças atendidas pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). A partir das observações iniciais do território e do perfil do grupo, buscamos planejar atividades que dialogassem com o cotidiano, os interesses e as vivências das crianças, respeitando suas singularidades e os diferentes contextos sociais nos quais estão inseridas.

Durante o período de atuação, foram realizadas diversas atividades lúdicas e participativas, como dinâmicas em roda, jogos corporais, produções artísticas, brincadeiras tradicionais, reflexões coletivas e atividades simbólicas. Entre essas ações, destacam-se a “Caixa da Vida”, a “Amarelinha da Vida”, a atividade da “Colcha de Retalhos”, as dinâmicas sobre inclusão, as atividades relacionadas ao Dia da Árvore, alimentação saudável, durante as atividades trabalhamos também com a temática consciência negra e o respeito às diferenças, além disso, teve as brincadeiras livres e dirigidas, que possibilitaram momentos de escuta, partilha e interação entre as crianças.

Essas atividades favorecem um ambiente acolhedor e significativo, no qual as crianças puderam expressar sentimentos, falar sobre suas vivências, refletir sobre temas como valorização da vida, identidade, inclusão, amizade, família e cuidado com o meio ambiente. Observamos que, quando as propostas envolviam movimento, criatividade e participação ativa, as crianças demonstravam maior interesse, envolvimento e disposição para dialogar, fortalecendo as relações entre o grupo e os vínculos com o espaço do CRAS.

Desta maneira, percebe-se que essas atividades desenvolvidas no CRAS contribuíram para a ampliação dos conhecimentos dessas crianças e adolescentes, e ajudaram a refletirem sobre consciência negra e respeito às diferenças. Por meio de brincadeiras, conversas e atividades em grupo, eles puderam entender a importância de valorizar a diversidade, reconhecer diferentes histórias e respeitar pessoas com realidades diferentes. Trabalhar esses temas é muito importante,



pois fortalece a empatia, a solidariedade e o respeito, ajudando as crianças a se tornarem cidadãos conscientes e capazes de valorizar a vida de todos ao seu redor.

A atividade de consciência negra e respeito às diferenças foi realizada com o objetivo de promover reflexão sobre a igualdade, o combate ao preconceito e a valorização da diversidade. De início apresentamos a temática, e logo após cada participante foi convidado a escrever um pequeno texto, que poderia ser uma história, poema ou reflexão, sobre o tema. Em seguida, houve um momento coletivo de leitura e discussão, no qual todos puderam compartilhar suas ideias e refletir juntos sobre a importância de tratar as pessoas com respeito, valorizando as diferenças de cores, culturas e formas de ser. Além disso, a atividade também buscou fortalecer a autoestima e a valorização da própria identidade, com o apoio sempre que necessário de nós bolsistas do PET. Para encerrar, foi reproduzida uma música alegre sobre amizade e diversidade, garantindo que o encontro terminasse de forma leve e positiva. Portanto, trabalhar essa temática é essencial no CRAS, pois contribui para a formação de cidadãos conscientes, solidários e capazes de valorizar a diversidade na sociedade. Nesse sentido, a realização de atividades voltadas à Consciência Negra no CRAS torna-se fundamental, uma vez que o racismo e as desigualdades raciais ainda estão presentes de forma estrutural na sociedade brasileira, impactando diretamente a vida e a identidade da população negra.

De acordo com Bergamaschi e Nascimento (2025, p. 88):

A persistência das desigualdades raciais no Brasil revela não apenas um legado da escravidão, mas a atuação contínua de estruturas sociais que mantêm a exclusão e a negação de direitos à população negra. Em um país que aboliu formalmente a escravidão no final do século XIX, mas falhou em reparar as suas consequências, o racismo assume contornos estruturais e institucionais que afetam diretamente a vida de milhões de pessoas negras. Nesse contexto, o Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro, emerge como um importante marco simbólico e político na luta por justiça social, reconhecimento e igualdade racial.

Dessa forma, percebe-se que as políticas públicas existentes, embora representem avanços, ainda são insuficientes para enfrentar as desigualdades raciais estruturais, tornando indispensável o fortalecimento de ações que promovam justiça social e igualdade de direitos. Diante disso, trabalhar a aceitação e o respeito às diferenças é muito importante nas ações realizadas no CRAS, principalmente quando relacionado ao Dia da Consciência Negra, que é um momento de reflexão sobre a história, a luta e a valorização da população negra. Abordar essa temática com crianças e adolescentes ajuda a combater preconceitos ainda presentes na sociedade e contribui para o fortalecimento da autoestima e da identidade de cada participante. Além disso, ao desenvolver atividades que estimulam a fala, a escuta e o diálogo coletivo, cria-se um ambiente de convivência mais respeitoso, no qual todos aprendem a valorizar as diferenças e a importância de viver em uma sociedade mais justa e inclusiva.

As atividades desenvolvidas no CRAS buscam justamente enfrentar essas marcas históricas, promovendo reflexão, valorização da identidade e o fortalecimento da autoestima das crianças e adolescentes. Dessa maneira, para compreender a importância da Consciência Negra, é necessário retomar o processo histórico de formação da sociedade brasileira. Segundo Constantino (2014), essa formação ocorreu a partir de um processo histórico marcado pela escravidão, no qual pessoas africanas foram retiradas de seus territórios, separadas de suas famílias e tiveram sua cultura, religiosidade e humanidade negadas. Esse processo resultou na desumanização do povo negro, cujos efeitos permanecem até os dias atuais, manifestando-se em novas formas de exclusão, preconceito e conflitos relacionados à aceitação da própria identidade. Assim, percebe-se que as desigualdades raciais presentes na sociedade brasileira resultam de um processo histórico marcado pela escravidão e pela negação de direitos à população negra, cujos efeitos ainda se manifestam nas relações sociais atuais. Nesse sentido, as ações desenvolvidas em espaços como o CRAS assumem um papel importante ao possibilitar momentos de reflexão e diálogo, contribuindo para a compreensão dessas desigualdades e para a construção de práticas sociais mais conscientes e respeitadas.

Nesse sentido, a temática da alimentação saudável também foi trabalhada de forma lúdica, buscando integrar aprendizado, participação e brincadeira. Por meio de rodas de conversa, jogos e dinâmicas interativas, as crianças puderam refletir sobre seus hábitos alimentares, compreendendo como a alimentação influencia o cuidado com o próprio corpo e com a saúde. Sendo assim, essa abordagem possibilitou maior envolvimento dos participantes, mostrando que o lúdico também pode ser um importante aliado para mostrar como hábitos saudáveis influenciam no desenvolvimento de cada pessoa, além de prevenir doenças. Portanto, desenvolver ações de alimentação saudável nesse espaço é essencial para contribuir com a conscientização de crianças e adolescentes, pois hábitos alimentares adequados influenciam diretamente na qualidade de vida. Isso pode ser confirmado, de acordo com Silva e Teixeira (2014), que defendem que a alimentação adequada é essencial para o crescimento e desenvolvimento saudável, prevenindo doenças como a obesidade e suas comorbidades, além de constituir um direito humano que fortalece a cidadania. Nesse contexto, a educação nutricional se vincula à promoção de práticas alimentares e estilos de vida saudáveis enfatizados por uma das diretrizes da Política Nacional de Alimentação e Nutrição do Ministério da Saúde.

Diante disso, é preciso que as pessoas compreendam a importância de manter uma alimentação saudável, pois ela impacta diretamente na prevenção de doenças como a obesidade, que apresenta altos índices na sociedade atual. Dessa forma, por meio da promoção de práticas alimentares adequadas, é possível contribuir para a redução desses casos, reforçando a relevância da educação nutricional na construção de hábitos saudáveis.

E é crucial ressaltar que o desenvolvimento das atividades ocorreram por meio de uma roda de conversa, que possibilitou o diálogo e a troca de experiências sobre os hábitos alimentares, no qual foram realizadas algumas perguntas como: “O que vocês gostam de comer no dia a dia?”, “Quais alimentos são saudáveis e por quê?”, e “O que pode acontecer se comermos alimentos não saudáveis em excesso?”. Em seguida teve o piquenique de frutas. E para finalizar, foi realizado um quiz educativo, que reforçou os conhecimentos de forma lúdica e participativa e foram divididos em duas equipes e cada resposta correta somava pontos, e após cada rodada o mediador explicava o conceito por trás da resposta. Também foi discutido como pequenas mudanças nos hábitos alimentares podem gerar impactos positivos significativos na saúde, estimulando a adoção de práticas alimentares mais conscientes.

Do ponto de vista social e emocional, as práticas lúdicas contribuíram para o desenvolvimento da empatia, da cooperação, do respeito às diferenças e da autonomia. Atividades como a Colcha de Retalhos, por exemplo, possibilitaram que cada criança representasse sua própria história, seus gostos e aspectos de sua identidade, fortalecendo o sentimento de pertencimento e valorização de si. Já as dinâmicas coletivas favoreceram a socialização, a escuta do outro e a convivência em grupo, aspectos centrais do SCFV.

Essa compreensão dialoga com a perspectiva de Vygotsky sobre o papel do brincar no desenvolvimento humano:

“É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não por incentivos fornecidos por objetos externos. A ação na esfera imaginária ensina à criança a guiar seu comportamento não apenas pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta, mas também pelo significado dessa situação.” (Vygotsky, 2007, p. 122).

Além do impacto nas crianças, as ações desenvolvidas também se configuraram como um importante espaço formativo para nós, petianas. A vivência no CRAS nos possibilitou compreender, na prática, que o planejamento de atividades educativas em espaços não escolares exige sensibilidade, flexibilidade e escuta atenta. Aprendemos que as propostas precisam partir dos interesses do grupo, considerando suas faixas etárias, experiências, contextos familiares e sociais, bem como as condições institucionais do serviço.

Nesse processo, percebemos que a ludicidade não se limita ao brincar pelo brincar, mas constitui uma estratégia intencional de intervenção social e educativa, capaz de promover aprendizagens significativas, fortalecer vínculos e contribuir para o desenvolvimento humano. Assim, as atividades realizadas no CRAS reafirmam a importância de práticas pedagógicas que valorizem a participação ativa das crianças e reconheçam o brincar como elemento central no processo de formação social, emocional e cidadã.



O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) configura-se como um espaço fundamental para a promoção da formação humana e cidadã, especialmente no atendimento a famílias em situação de vulnerabilidade social. Segundo Técnicas (2009), o CRAS, enquanto unidade de proteção social básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), atua na prevenção de situações de vulnerabilidade e risco social, promovendo o desenvolvimento de potencialidades, o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários e a ampliação do acesso aos direitos de cidadania. Portanto, a atuação do CRAS não se limita a ações preventivas e assistenciais, mas também favorece o desenvolvimento social e pessoal dos indivíduos atendidos, ajudando essas pessoas a reconhecerem seus direitos e deveres na sociedade. Desta maneira, ao longo da atuação do Grupo Devir no CRAS Irmã Oswalda, foi possível compreender que esse espaço vai além da oferta de serviços assistenciais, constituindo-se como um ambiente de convivência, escuta, acolhimento e construção de valores sociais.

As experiências vivenciadas demonstraram que o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) desempenha um papel significativo no desenvolvimento de atitudes como respeito, empatia, cooperação e responsabilidade social. As atividades propostas rodas de conversa, dinâmicas coletivas, produções simbólicas, jogos e brincadeiras favorecem momentos de reflexão sobre temas como inclusão, valorização da vida, identidade, meio ambiente e convivência em grupo, aspectos essenciais para a formação cidadã desde a infância.

Diante dessa perspectiva, observa-se que os profissionais do CRAS demonstram uma postura afetiva em sua atuação, pautada no acolhimento, no respeito e na empatia. A afetividade, nesse contexto, contribui para o fortalecimento de vínculos, para a escuta sensível e para a criação de um ambiente seguro, favorecendo a participação, a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, adolescentes e famílias atendidas. Nesse sentido, segundo Costa (2025), a afetividade constitui um elemento fundamental nos processos educativos, por contribuir para o desenvolvimento integral dos sujeitos. Desse modo, a forma como os profissionais do CRAS atuam, valorizando a afetividade no dia a dia, vai além de um atendimento apenas assistencial, contribuindo para relações mais humanas, para o fortalecimento da participação dos usuários e para o desenvolvimento da autonomia e da cidadania das pessoas atendidas neste espaço.

Nesse contexto, o CRAS mostrou-se um espaço privilegiado para o exercício da cidadania, na medida em que possibilita às crianças o direito à participação, à fala e à expressão de seus sentimentos e opiniões. Ao serem escutadas e consideradas nas atividades, as crianças passaram a se reconhecer como sujeitos ativos, capazes de contribuir com o grupo e refletir sobre a realidade que as cerca.



Essa compreensão está em consonância com o que estabelece a Política Nacional de Assistência Social, ao afirmar que os serviços socioassistenciais devem promover o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, bem como o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos. Conforme destaca o documento oficial:

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos tem por finalidade complementar o trabalho social com famílias, prevenindo situações de risco social, por meio do desenvolvimento de potencialidades, da aquisição de habilidades e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. (BRASIL, 2014, p. 33).

A vivência no CRAS também evidenciou que a formação humana ocorre de maneira integrada, envolvendo dimensões afetivas, sociais, culturais e éticas. Ao participar de atividades que valorizam o diálogo, o respeito às diferenças e o cuidado com o outro, as crianças ampliam sua compreensão sobre convivência social e passam a internalizar valores fundamentais para a vida em sociedade.

Para nós bolsistas do PET Pedagogia, essa experiência contribuiu significativamente para a compreensão do papel do educador em espaços não escolares, pois em todos os espaços da sociedade a educação está presente, no entanto o Pedagogo pode atuar tanto em contextos escolares como também em espaços não escolares. Nesse sentido, segundo Brandão (1981), a educação não se restringe ao espaço escolar, pois acontece em diferentes contextos da vida social, por meio das relações entre as pessoas e da transmissão de saberes entre gerações. Mesmo sem um ensino formal e centralizado, os seres humanos aprendem e ensinam continuamente, garantindo a sobrevivência, a adaptação e a evolução da vida em sociedade. Dessa forma, a educação pode ser compreendida como um processo que ultrapassa os limites da escola, pois o aprender e o ensinar estão presentes nas práticas sociais cotidianas, construindo-se nas interações humanas e na partilha de saberes entre gerações. Essa concepção amplia o entendimento da educação, no qual ela pode ser como um fenômeno social contínuo, essencial para a formação humana e para a vida em sociedade.

Atuando no CRAS, aprendemos que a formação cidadã não se constrói apenas por meio de conteúdos formais, mas sobretudo pelas relações estabelecidas, pelas experiências vividas coletivamente e pela intencionalidade educativa presente nas ações. Dessa forma, o CRAS se afirma como um espaço potente de formação humana, social e cidadã, tanto para os sujeitos atendidos quanto para os futuros profissionais em formação.

Desafios e potencialidades das práticas educativas no CRAS

A atuação do Grupo Devir no CRAS Irmã Oswalda evidenciou que as práticas educativas desenvolvidas em espaços socioassistenciais apresentam desafios significativos, ao mesmo tempo em que revelam importantes potencialidades para a formação humana e social das crianças e

adolescentes atendidos. Nesse contexto, é possível compreender a atuação pedagógica no CRAS como uma prática educativa que, embora ocorra fora da escola, exige intencionalidade e atenção ao contexto social dos sujeitos. De acordo com Libâneo (2001), o ato educativo possui caráter intencional e social, pois toda prática educativa é realizada com objetivos definidos, envolvendo escolhas, valores e compromissos éticos do educador, além de estar diretamente relacionada ao contexto social, econômico e político no qual os sujeitos estão inseridos. Assim, percebe-se que a atuação do Grupo Devir no CRAS envolveu escolhas cuidadosas sobre as atividades propostas, como brincadeiras, oficinas e rodas de conversa, planejadas para estimular a participação, a criatividade e a interação entre as crianças e adolescentes. Esse cuidado evidencia que, mesmo em espaços não escolares, a prática educativa exige atenção às necessidades de cada participante, compromisso ético e sensibilidade para conectar os objetivos das futuras educadoras à realidade social e cultural dos sujeitos atendidos.

Nesse sentido, o planejamento das atividades precisou levar em consideração a diversidade do grupo, de modo a tornar cada ação educativa significativa e adequada às características e necessidades de crianças e adolescentes de diferentes idades. Um dos principais desafios observados esteve relacionado à composição heterogênea do grupo, formado por sujeitos de diferentes faixas etárias, incluindo crianças e adolescentes, o que exigiu um planejamento cuidadoso e flexível das atividades propostas.

Planejar ações que fossem, ao mesmo tempo, atrativas, compreensíveis e significativas para públicos com idades, interesses e níveis de desenvolvimento distintos demandou criatividade e sensibilidade pedagógica. Tornou-se necessário pensar em propostas que contemplassem tanto o brincar quanto a reflexão, permitindo que todos participassem de forma ativa, respeitando seus ritmos e possibilidades. Esse desafio reforçou a importância de metodologias lúdicas, adaptáveis e inclusivas, capazes de favorecer a participação coletiva.

Outro desafio identificado foi a baixa frequência de participação das crianças no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) em determinados períodos. Fatores como o retorno às aulas, a educação em tempo integral, mudanças nos dias de atendimento e compromissos externos influenciaram diretamente na presença do grupo. Essa realidade evidenciou a necessidade de estratégias como a busca ativa, o fortalecimento do diálogo com as famílias e a reorganização das propostas pedagógicas, de modo a tornar o serviço mais atrativo e conectado à realidade das crianças.

Do ponto de vista metodológico, também se destacou o desafio de promover atividades que garantem a escuta, a participação e o protagonismo dos sujeitos. Observamos que práticas muito expositivas ou pouco interativas tendem a reduzir o envolvimento do grupo, enquanto atividades que valorizam o movimento, a criação, o diálogo e a expressão simbólica despertam maior interesse

e participação. Isso reforça a importância de compreender o universo cultural e simbólico das crianças, considerando seus gostos, brincadeiras, músicas e formas de interação.

Essas reflexões dialogam com o pensamento de Paulo Freire, ao afirmar que a educação deve partir da realidade dos sujeitos e promover sua participação ativa no processo educativo:

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. (Freire, 1996, p. 47).

Apesar dos desafios, as potencialidades das práticas educativas no CRAS foram evidentes. O espaço se mostrou fértil para o desenvolvimento de ações que fortalecem vínculos, promovem a socialização, estimulam a autonomia e contribuem para a formação cidadã. As atividades realizadas possibilitaram que as crianças se expressassem, refletissem sobre suas vivências e construíssem relações baseadas no respeito e na cooperação.

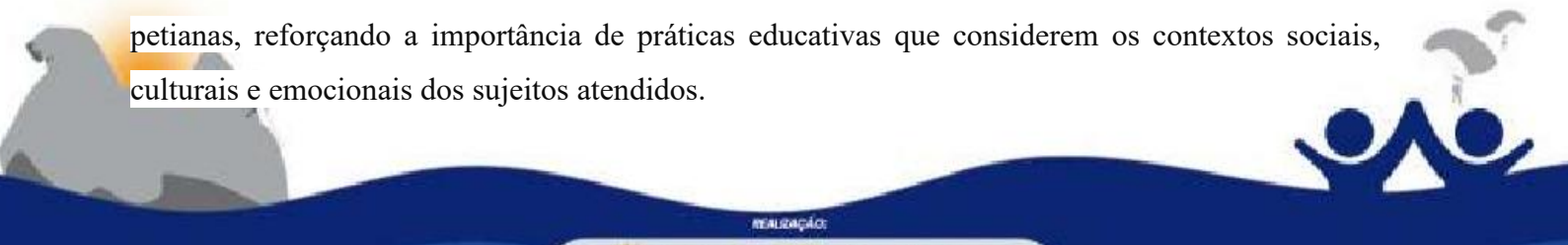
Para nós, petianas, a experiência no CRAS representou um importante campo de aprendizagem e formação profissional. A vivência possibilitou compreender, na prática, os limites e as possibilidades da atuação pedagógica em espaços não escolares, ampliando nosso olhar sobre a educação para além da sala de aula. Assim, os desafios enfrentados se transformaram em oportunidades de crescimento, reflexão e ressignificação das práticas educativas, reafirmando o CRAS como um espaço potente de intervenção social, educativa e formativa.

Considerações finais

A experiência do Grupo Devir no CRAS Irmã Oswalda evidenciou que as práticas educativas desenvolvidas em espaços socioassistenciais possuem um papel fundamental na promoção da formação humana, social e cidadã das crianças e adolescentes atendidos.

Ao longo da atuação, foi possível compreender que o CRAS não se configura apenas como um espaço de assistência, mas como um ambiente potente de convivência, escuta, acolhimento e construção de vínculos, no qual a ludicidade assume um lugar central no processo educativo, proporcionando atividades que possibilitaram a expressão de sentimentos, o fortalecimento das relações interpessoais e o desenvolvimento de valores.

Ao mesmo tempo, a experiência revelou desafios, como a heterogeneidade do grupo, a baixa frequência em determinados períodos e a necessidade constante de adaptação das propostas pedagógicas. Tais desafios exigiram sensibilidade, criatividade e flexibilidade por parte das petianas, reforçando a importância de práticas educativas que considerem os contextos sociais, culturais e emocionais dos sujeitos atendidos.



Para além dos impactos observados nas crianças, a vivência no CRAS constituiu-se como um espaço formativo essencial para a formação acadêmica e profissional das integrantes do PET. A atuação em um contexto não escolar ampliou a compreensão sobre o papel do educador como mediador de processos educativos que vão além da transmissão de conteúdos, valorizando a escuta, o diálogo, o afeto e a construção coletiva de saberes.

Dessa forma, a experiência reafirma o CRAS como um espaço privilegiado de formação humana e cidadã, no qual a ludicidade, aliada a práticas educativas sensíveis e contextualizadas, contribui para a promoção de uma educação mais inclusiva, crítica e humanizadora.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Política Nacional de Assistência Social – PNAS. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2004.

BRASIL. Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social, 2014.

BERGAMASCHI, Igor Felipe; Nascimento, Alexandre. O Dia da Consciência Negra no Brasil e sua relação com os direitos humanos. **Revista de Comunicação Científica: RCC**, Jan/Abr, Vol. 5, n. 18, p. 85-96, 2025

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo: **Brasiliense**, 1981. Disponível em: https://docs.uninove.br/arte/email/img/20201/nov/o_que_e_educacao_Carlos_brandao.pdf. Acesso em: 19. jan. 2025

CONSTANTINO, Francisca de Lima. Diálogos e tensões: o olhar de professoras negras e brancas sobre a constituição da identidade negra no contexto escolar. 2014.

COSTA, Lidiane de Lima. As contribuições da afetividade no processo de ensino e aprendizagem de crianças em contextos não escolares. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstreams/48274721-ce05-45bc-9456-1b51bdaf6439/download> Acesso em: 20. jan. 2026

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar em revista**, n. 17, p. 153-176, 2001.

MODESTO, Monica Cristina; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. A importância da ludicidade na construção do conhecimento. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, p. 1-16, 2014.

SILVA, Julyana Gall da; TEIXEIRA, Maria Luiza de Oliveira; FERREIRA, Márcia de Assunção. Alimentação e saúde: sentidos atribuídos por adolescentes. **Escola Anna Nery**, v. 16, p. 88-95, 2012.

TÉCNICAS, Orientações. Centro de Referência de Assistência Social-CRAS. **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome**. Brasília, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

